

# POR UMA ESPIRITUALIDADE PARA ATEUS

## FOR A SPIRITUALITY FOR ATHEISTS

*Wesley de Jesus Barbosa*<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente manuscrito envereda pela investigação de uma espiritualidade sem Deus, em que os problemas primordiais colocados à consciência, apesar de usados pelos religiosos no sentido da busca de um significado, não são questões exclusivamente teológicas. A toda humanidade está colocado o incômodo da finitude, do absoluto, do nada, da criação. Logo, não seria prudente deixar tais imbróglis sob monopólio das religiões e o perigo de seu fanatismo. Uma experiência do sagrado para ateus se torna necessária como condição para uma espiritualidade laica.

**Palavras-chaves:** Deus, espiritualidade, laicidade, ateísmo.

**Abstract:** The present manuscript embarks on the investigation of a spirituality without God, in which the primordial problems posed to conscience, despite being used by the religious in the sense of the search for a meaning, are not exclusively theological questions. To all humanity is placed the discomfort of finitude, of the absolute, of nothingness, of creation. Therefore, it would not be prudent to leave such imbroglis under the monopoly of religions and the danger of their fanaticism. An experience of the sacred for atheists becomes necessary as a condition for a secular spirituality.

**Keywords:** God, spirituality, secularism, atheism.

### ESPIRITUALIDADE EM LUC FERRY

Desde o Renascimento o homem deixou de ser um anexo das cosmogonias gregas e cristãs, para assumir o seu protagonismo. *Penso, logo existo*, é a máxima maior no sentido de romper com as noções Antigas e Medievais, pois evidencia a partir de um eu, o outro, o outro como existente por dedução lógica deste eu, porque ele pensa. Porque pensa, existe, e se sabe que existe, conclui que o mundo também existe. Dele mesmo o mundo se cria indelevelmente. Não que Deus esteja morto em Descartes,

<sup>1</sup> Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF). E-mail: wesletdejesusbarbosa1980@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2023.v16.n2.p9-26>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Deus aqui é o incondicionado, o incriado, mas ao estabelecer a razão como princípio originário, que o mundo, antes ilusório e aparente, caótico e sem sentido, pôde ser descoberto pelo homem da razão, pois a razão é capaz de desenvolver metodologias capazes de organizá-lo, além de orientar as decisões do homem no mundo. O homem como centro organizador de todas as coisas é também o agente moral que definirá os valores de uma vida boa. A missão de existir no mundo como uma prática de vida, como uma ética, é do homem, ele deve assumir, neste primeiro humanismo, os valores para uma perfeição<sup>2</sup>. Contudo, se antes os valores perfeccionistas eram postos ao homem a partir de um fora, o cosmos ou a Igreja, na modernidade se criou outros ídolos para eximir o sujeito de suas responsabilidades. Conceitos como pátria, razão, método, república, justiça como jusnaturalismo ou mesmo como juspositivismo, passaram a ser noções que impõem uma ética a partir de fora, colocando o homem numa posição passiva diante dos desafios de uma vida que tem de ser assumida pelo agente moral.

A resposta, que já se delineava com o *cogito* cartesiano, se resume a uma palavra: o Homem. É o próprio ser humano — o ‘sujeito’, o ‘indivíduo’, a ‘pessoa’, pouco importa o nome que se lhe dê — que vai servir de fundamento para a ética, e não mais o cosmos, ou a divindade. (FERRY, 2012, p. 59).

O segundo humanismo de Ferry sugere, como no primeiro, uma fraternidade, porém, completamente distinta. O princípio da igualdade jurídica na coalização dos pactuantes do acordo social como atores na dimensão criadora da lei, no sentido de conseguirem concordar sobre muitos aspectos da vida, sobre os direitos que são dos homens e dos cidadãos, não estrutura uma fraternidade de fato. Lá mesmo na Revolução Francesa ficou explícito como os direitos do homem, são dos homens, na medida em que estes homens sejam copartícipes dos fundamentos da revolução; e com Napoleão, enfiou-se goela abaixo aos defensores do Antigo Regime a novidade filosófica do XVIII; sem contar a França revolucionária que amava os homens e tinha diversas colônias mundo afora, Haiti para citar uma. O segundo humanismo aposta numa fraternidade de outra ordem, que não pode ser reduzida às dimensões territoriais de um país ou, justificar-se por uma jurisprudência como anseio de que os humanos e suas estruturas políticas se sustentam por si mesmos, como se não existissem pessoas.

Todos compreendem que essa fraternidade não é da mesma ordem da primeira, não importando os méritos efetivamente admiráveis da construção que leva à sua criação. Trata-se aqui do coração da humanidade afetiva e carnal, não da humanidade jurídico-racional. (FERRY, 2012, p. 94).

<sup>2</sup> Perfeição como florescimento, sempre na condição de um estar agindo, sem um *telos* definido e definitivo. Não é perfeição, pois o florescimento como perfectividade, exige a condição de imperfeito que por mais que, perfeccione-se, permanece como tal.

Assim, essa parafernália conceitual política, apesar de humanística, ainda não ama o homem. Os direitos humanos não passam de retórica vazia, não porque sejam incongruentes como garantias fundamentais, mas porque seus pressupostos são artificiais, abstratos, teóricos. Porque suas boas intenções constroem-se de um substrato aquém do homem cotidiano. O homem comum, sem as maquinações dos racionalistas iluministas, teme a morte como o vazio mais cruel. Mais do que a sua própria morte, teme a morte dos seus familiares como a mais insuportável incerteza. Com a morte de Deus, este sofrimento já não é mais aplacado tão facilmente. “Mais amorosos, afetivos e sentimentais do que nunca, e também — a laicidade obriga — mais do que nunca privados da religião, estamos desprovidos como nunca estivemos diante dos tormentos do luto do ser amado.”(FERRY, 2012, p. 94). Sem Deus, e as instituições burguesas desmascaradas numa sequência de ataques desconstrutores e irrefreáveis, o que ainda resta, por mais estranho e contraditório que possa parecer, é uma espiritualidade laica.

No entanto, tenho plena consciência do que existe de paradoxal na noção de “espiritualidade laica”. Nem por isso é menos decisiva. Se filosofar, como acredita Deleuze, consiste em inventar conceitos novos, é esse conceito de ‘espiritualidade laica’ que eu escolheria como epígrafe. É ele que orienta todas as reflexões que virão, é ele que está no centro do que a filosofia foi desde sempre: em oposição às espiritualidades religiosas, uma busca da sabedoria e da espiritualidade sem Deus. (FERRY, 2012, p. 95).

Outrossim, essa crítica, se almejamos uma filosofia do futuro, não deveria ser ressentida, ou seja, como se a ingenuidade do libertarismo dos boêmios da França novecentista fosse algo a se condenar ou colocar do lado de lá, porque seu desconstrutivismo, ao invés, de minar as estruturas do capitalismo, acabou por fortalecê-lo. Houveram avanços a partir de suas questões propostas. Do mesmo modo que a revolução de 1968 não ocorreu, mas é inegável que alguns aspectos da vida política, intelectual, econômica, cultural, comportamental, nunca mais foram os mesmos. Se considerarmos o falar como um aspecto a analisar nesta multiplicidade de mudanças, hoje não se, se refere às mulheres como a cem anos atrás, apesar da marca indelével do machismo estrutural ainda persistir com a violência mais hedionda. As mulheres não significam mais um outro como um fora do discurso sobre a sociedade, ela insere-se, pelo trabalho, como um corpo falante, que insiste, dia a dia, na ocupação e expansão do seu espaço. A reviravolta promovida pelos boêmios desembocou na emancipação feminina, que para o bem ou para o mal, foi/é uma promoção dos interesses do capital em expandir os seus negócios: se precisa de trabalhadores e mercado consumidor.

Mas sejamos justos. Além da emancipação das mulheres e dos homossexuais, esse século de inovação e de desgastes também liberou, em muitos outros aspectos e ao mesmo tempo, mil coisas preciosas do ser humano, dimensões da existência que os séculos passados não viam ou se recusavam fortemente a levar em consideração. O sexo, o irracional, o corpo, o inconsciente, a criança que ainda vive no adulto, algumas formas inéditas ou inconfessáveis da afetividade e do amor, o lado feminino do homem, ou o lado viril das mulheres, a pluralidade dos pontos de vista, nossas incoerências e fraquezas íntimas... Em resumo, elementos da vida humana que apenas a desconstrução dos boêmios poderia ao mesmo tempo emancipar e introduzir na arte, na literatura, e também na política, e, mais simplesmente ainda, na vida cotidiana.(FERRY, 2012, p. 19).

O capitalismo tem o poder de inserir na máquina todos os modos de vida, perfazendo um automatismo como naturalização, de modo que tudo escapa, foge, volatiliza-se, ou mesmo, não tem responsáveis. Quando perguntados no Tribunal de Nuremberg, sobre seus crimes perpetrados, os oficiais da *Gestapo* (*Geheime Staatspolizei*) respondiam que obedeciam ordens. No turbilhão disto tudo, se perde o Estado, a economia, como inteligente ferramenta criada pelo homem para gerar o bem-estar para a sociedade; se perde os amigos, as tarde ensolaradas, a vida mesmo. “O mundo escapa estruturalmente por todos os lados à nossa inteligência e ao nosso controle.” (FERRY, 2012, p. 24). O mundo sem seus ídolos, dominado pela velocidade, como se o motivo da pressa fosse o próprio correr, esse mundo escapa, mas seria ingenuidade achar que pudéssemos agarrá-lo. Acreditamos que o maior problema não é o mundo que escapa, mas como o mundo que nunca caiu sob os desígnios do homem, é utilizado pela economia de mercado como algo sempre fugidio, fluído, de uma liquidez que não promete um porvir num engajamento do homem naquilo que ele é. Porém, o aprisiona numa falta de referências, como um vazio útil à movimentação do mercado, no sentido de que pequenas felicidades fúteis são sempre bem-vindas, porque a vida, sem grandes bocados a que se possa pegar, está mergulhada no mais lamuriante vazio, no imenso oceano de um país, sem pátria e heróis. “A finalidade desta análise não é legitimar derrotismos políticos, mas desmascarar hipocrisias e simulacros para que enfrentemos a questão crucial, porque ela é anterior a todas as outras: a da retomada de um mundo que nos escapa cada dia mais.”(FERRY, 2012, p. 25). Assim, a noção de planejamento, às vezes, até um pouco conspiratória, dos marxistas, no sentido de um planejamento estruturado para uma determinada concepção de Estado industrial, liberal, ou seja lá o que for, debruça-se sobre a administrabilidade deste governante que como operador da máquina não faz o seu serviço direito. Sua negligência, desleixo, ineficiência são sintomas de que perdemos o controle de algo ou nunca tivemos.

Ora, o motivo dessa impotência evidente não está na negligência, na idiotice, na falta de coragem ou desonestidade de nossos governantes, como a maioria dos observadores aparenta acreditar, mas simplesmente no fato de que as alavancas de comando, assim que são globalizadas, escapam cada dia mais aos Estados-nação. (FERRY, 2012, p. 24).

O advento dos algoritmos colocou o homem dentro de uma História, a cada dia, com menos homens. As decisões sobre o que ouvir ou o que assistir já não são opiniões provenientes dos diálogos, que porventura se tinha com o funcionário da loja de locação de fitas VHS (não somos saudosistas dos anos 1980). O que queremos dizer é que as relações, sem sujeito, conduzem a humanidade a uma passividade consigo e o mundo, de modo a transformar todas as relações humanas, em relações mediadas pelos algoritmos. Somos modelados e deixamos nos modelar numa relação com as coisas em que nos perdemos de nós mesmos para ser a coisa algorítmica. Por exemplo, nas bolhas das redes sociais, os grupos de ódio determinam o ódio, não como um sujeito que odeia, o sujeito se perdeu no ódio, mas como puro ódio, sem responsabilização de si. Isto me parece claro porque na vida do dia a dia com pessoas de carne e osso, esse ódio, ou desaparece ou é deflacionado. Existem relações positivas também, como grupos que se articulam para proteger as florestas e os animais. Entretanto, a questão primordial é que a globalização com a sua promiscuidade toca a sua locomotiva, sem sujeito. Os algoritmos decidem as eleições, pessoas se arrogam militantes sociais disto ou daquilo e nunca entraram em contato com o grupo que ocasionalmente defendem, - contato é sempre alguma coisa que tem relação com o corpo, não é uma gritaria confusa e *lacradora* em busca de *likes*. E se tornou militante, provavelmente, por indicação dos algoritmos, não porque se inspirou numa pessoa real mesmo, o professor da escola, o padre, o *rapper*, seu pai, sua mãe. Ora, entregadores, motoristas, operadores de máquinas, técnicos de geladeiras, empregadas e diaristas, babás, tudo passa pelo crivo dos algoritmos.

No sentido próprio do termo: uma construção mítica sem relação com a realidade. Basta refletir um pouco, mesmo que de modo marxista, para compreender que, conforme os exemplos citados acima, a globalização é tipicamente a encarnação do que Althusser, como fiel discípulo de Marx, chamava de “processo sem sujeito”. (FERRY, 2012, p. 25).

Se a filosofia encampa seu destino como uma sabedoria do como viver a vida boa, como uma medicina da alma que no seu processo investigativo retira casca por casca do ser, indo ao fundo do homem, então ela não pode ser confundida com a psicologia. A psicologia, principalmente aquela pragmática, que atribui a si um certo saber capaz de diagnosticar e resolver o problema, de fato não é uma filosofia. A psicologia, ao se

deparar com um fóbico, procura com os seus instrumentos extirpar o medo. Em geral, as psicologias vão atuar com o mesmo objetivo, impedir que a angústia do paciente se expresse, curando-o. A filosofia não pretende curar ninguém, pois o seu conteúdo analítico não é outro senão a angústia fundamental de ser essa estranha forma de vida. A angústia metafísica é a plenificação do ser do homem como um existente dotado de habilidades cognitivas emocionais extraordinárias. Culto ou não, esse incômodo é sentido por todos, não é atoa que as religiões sempre existiram, em todas as sociedades humanas, como uma resposta, ou um porto onde se pudesse parar um pouco para se tranquilizar. A filosofia surgiu na antiguidade como uma possibilidade de resposta menos dogmática para os dilemas da existência.

Não é porque a filosofia é definida como uma busca da sabedoria, como uma aprendizagem da vida boa, ou, segundo Epicuro, como uma “medicina da alma”, que se deve confundi-la com a psicologia. Ao contrário, ela se distingue radicalmente da psicologia. A confusão vem do fato de que, à primeira vista, o objetivo pode parecer idêntico: trata-se de alcançar tanto quanto possível uma forma de serenidade, dando cabo da angústia. Mas não é do mesmo sentimento que se fala geralmente. Como a angústia metafísica e a angústia somente psicológica são de natureza radicalmente diferente, os meios de abordá-las também não são mais os mesmos. (FERRY, 2012, p. 103).

A separação entre filosofia e psicologia, esta, como dispositivo de intervenção para patologias do espírito, aquela como recurso investigativo racional para um bem- dispôr-se diante do desamparo da vida, nos parece assim como uma divisão didática, muito mais do que uma separação, como se a psicologia fosse uma evolução de uma filosofia da alma para uma prática clínica. Ora, o suporte científico, desde Wundt, apesar de ousado e criativo, preocupou-se, deveras, com o comportamento observado, atribuindo a um agir fora da norma como anormal. Todavia, o substrato que sustenta todos os transtornos psíquicos, é a angústia metafísica. Deste ponto pode-se verificar maior ou menor proximidade das patologias com essa angústia, mas ao cabo, a finitude da vida, a efemeridade do existir, a morte violenta ou repentina, o fim dos parentes próximos, são questões que aparecem na clínica como um desejo de demanda para o qual suspeita-se que o psicólogo tenha uma solução confortadora. Essa solução não existe.

A mitologia, as religiões e a filosofia nos dizem infinitamente mais a respeito. Elas nos fazem visitar, com muito mais profundidade, os mecanismos da angústia normal, não patológica: não apenas é legítimo ter medo da morte, notadamente a dos seres que mais amamos, como é legítimo sofrer por isso, e até mesmo atrozmente, de modo que patológico seria não experimentar tais sentimentos. (FERRY, 2012, p. 104).

A origem de tudo é inacessível, o fim é imprevisível. Quando passamos a existir, tudo já existia, e quando desaparecermos, as coisas ficarão aí, indiferentes a nossa estadia neste mundo. A locomotiva já andava quando o zigoto se formou e continuará andando quando o homem morrer. Se não formos pela via religiosa, a vida não faz o menor sentido. Mas quem criou o sentido foi o homem, pois pretendia organizar o mundo para domar o seu caos interno pela mordida do caos externo. Ser a vida deste jeito não é nenhuma desilusão ou derrota. Derrota porque por mais que nos esforcemos, todo esforço é um esforço para a morte. A vida, assim, não é uma desolação, pois a falta de conexão, de sentido, serve para buscarmos dar o nosso sentido que quisermos a tudo isso. A filosofia faz isto, as ciências também. Mesmo como engodo, porque algo sempre resvala do sistema interpretativo ou da metodologia de estudo do cientista, damos sentido a ele. Entretanto, religiões, filosofias e ciências ainda sedimentam seus saberes em regiões muito duras requerendo certezas. Quase sempre se decepcionam com algo de inaudito que invade seus discursos provocando um rearranjo dos significantes. O carácter visionário de Nietzsche está na sua sagacidade de perceber este infortúnio da existência humana e, ao invés, de choramingar, constata, com alegria e jovialidade, que podemos fazer o uso que bem entendermos da vida e do mundo, movidos por uma vontade de poder capaz de uma postura afirmativa, pois libertamo-nos das correntes que nos impediam de dançar a música do mundo, quando descobrimos que não existiam nem correntes, nem carrascos a nos aprisionar, além de nós mesmos, os nossos maiores flageladores.

Sim, é evidente, a vida não tem sentido algum. Para que ela tenha sentido, seria necessário lhe fixar um final fora dela, o que, por definição, é impossível (a não ser numa ótica religiosa que aqui afastamos por hipótese). A vida é, de fato, perfeitamente absurda, pelo menos se por aí entendemos que ela não tende para nenhum fim determinável que lhe dê um significado total. Porém, diferentemente de Schopenhauer, para Nietzsche não existe nada que leve à desolação. Ao contrário, essa ausência total de sentido é uma alegre libertação da qual é preciso se aproveitar. (FERRY, 2012, p. 131).

Sem sentido, os deuses mortos, eles também misturados aos escombros da desconstrução, resta para uma espiritualidade, ao invés, da resignação diante da dor, o amor. A filosofia como ferramenta para uma *Revolução do Amor*. Não mais um amor abstrato, longínquo, mas um amor real, factível. O amor aos filhos, a companheira, ao companheiro. A pátria, a igreja, a metafísica, o Estado, os direitos humanos como um politicamente correto de uma Europa branca e genocida, tentando se fazer de *boa moça*, não são mais ideias que valha a pena lutar. Todas estas ficções caíram por terra quando Nietzsche levantou o seu grande martelo. Portanto, para Ferry uma dimensão do sagrado ainda subsiste, apesar da celeuma, a do amor que acontece cotidianamente,

dentro de casa, em família. Para ele, este amor, ao contrário do que poderia parecer, não segrega a família nuclear num em si mesma, é por causa deste amor que se avança a um amor pela humanidade numa prática de si como doação, amor ágape.

### SPONVILLE E O SEU ATEÍSMO

O amor é mais importante que a religião, o crucificado deixou isto claro. Portanto, que grande lástima do destino, a primeira religião dos que seguem Jesus era, não ter religião alguma, ser o permanente exercício do amor e basta. Deste amor emanaria rios de comunhão fraterna e fidelidade. A prática evangélica de Jesus não precisa de igrejas. As igrejas já demonstram o quão anticristão é a institucionalização do crucificado. Se Deus parece, num olhar bem rápido, antropomorfização, igrejas como casas de Jesus não passam de escamoteio das ideias originais do Redentor, eminentemente humanas. A fé não é algo que se grita ou que se enfia goela abaixo, ela é de foro íntimo. Pratica o cristianismo quem exerce o amor como ágape num regime de caridade que não sirva nem a catequese como troca da doação, nem a autopromoção. Pratica o cristianismo de Jesus quem exercita o silêncio, a fala branda, o respeito ao próximo e ao contraditório. Que diante da completa dor da violência de outrem contra si, ainda ama incondicionalmente. Sem promover-se como se fosse a bondade encarnada. Bom é quem pratica o silêncio e a discrição!(Mt 6, 5-8) “Pode-se viver sem religião; mas não sem comunhão, nem sem fidelidade, sem amor. O que nos une, aqui, é mais importante do que o que nos separa. Paz para todos, crentes e não crentes.” (SPONVILLE, 2007, p. 67). Comunhão, fidelidade e amor, as três propriedades que dispensam quaisquer religiões, por alcançarem profundidades do sagrado inacessíveis aos grandes sistemas teológicos. Acreditais em Deus? Para que serve esta pergunta senão para dividir os crentes e os descrentes, sendo que os dois concordam na vivência do amor como hierofania? Quando são fundadas as religiões se perde estes três valores para o fortalecimento do fanatismo: em nome do amor se pratica o ódio ao diferente, pela comunhão se afirma primeiro a instituição religiosa como promotora da verdade, dividindo o mundo entre nós e eles, por causa da fidelidade se crava a estaca da fé em toda vítima desarmada.

A vida é mais preciosa que a religião (é o que tira a razão dos inquisidores e dos carrascos); a comunhão, mais preciosa que as Igrejas (é o que tira a razão dos sectários); a fidelidade, mais preciosa que a fé ou que o ateísmo (é o que tira a razão tanto dos niilistas quanto dos fanáticos); enfim — é o que dá razão às pessoas de bem, crentes ou não — o amor é mais precioso do que a esperança ou do que o desespero. (SPONVILLE, 2007, p. 67).



O crente sabe que Deus existe, o ateu sabe que não existe, o agnóstico não sabe. O agnóstico parece mais honesto, ou mais covarde. Acreditamos que esse debate é infrutífero, pois se existe ou não, é uma questão de fé. Mais importante é saber se o que o ateu faz é uma profissão de fé ou uma descrença, que não é mais ou menos importante, no sentido de mobilizar tantos afetos para uma investida no sentido comprovar sua paixão aos outros numa tática de recrutamento. Às vezes, quando um fanático religioso ultrapassa o limite estabelecido pelo outro e assedia com o seu discurso panfletário, é conveniente ser um pouco ateu para desestabilizar as suas certezas (se se quiser comprar a briga, obviamente!). Ao contrário, quando um ateu está firme nas suas convicções e também assedia, não vejo de porquê não, demonstrar alguns valores caros aos religiosos, utilizando-se da mais perspicaz racionalidade filosófica cristã.

Ninguém sabe, no sentido forte e verdadeiro da palavra, se Deus existe ou não. Mas o crente afirma essa existência (é o que se chama de profissão de fé); o ateu a nega; O agnóstico não a afirma nem a nega: ele se recusa a dar uma resposta terminante ou se reconhece incapaz de dá-la. (SPONVILLE, 2007, p. 71).

O ateísmo é uma crença negativa, a sua existência depende de Deus, não que Deus exista mesmo, mas que ao menos a ideia de Deus permaneça, para frutificar a crença de que Ele não exista. Uma sociedade sem Deus seria também uma sociedade sem ateus, mas todas as sociedades humanas exercitam algum tipo de experiência com o sagrado, seja ela religiosa *stricto sensu*, seja mística ou filosófica. “Não sei se Deus existe, mas sei que creio que ele não existe. O ateísmo é uma crença negativa (*á-theos*, em grego, significa ‘sem Deus’), mas mesmo assim é uma crença [...]” (SPONVILLE, 2007, p. 75). Há três tipos de crença: a opinião, a fé e o saber. A opinião recolhe-se na sua intranquilidade em emitir um juízo, porque objetivamente, Deus como externo, não permite ser capturado pelo sujeito, e/ou, ainda, o objeto Deus é sujeito da criação, ou o sujeito da criação criou o objeto Deus como antropomorfização; existe um ruído semântico na estabilização do conceito. Na fé, o sujeito crê em Deus como objeto, o objeto de Deus é para o sujeito sua origem enquanto tal, indubitavelmente, porém não há garantias de que o objeto seja objetivamente, a não ser subjetivamente. Por fim, o saber que conhece, é produção subjetiva do objeto enquanto desconhecido aparente, que agarrado pela razão desvela sua verdade como apreensível ao sujeito do conhecimento, em outras palavras, Deus é objeto da razão.

Mais ou menos a que Kant estabelece na *Crítica da razão pura*. Ele distingue três graus de crença ou de assentimento: a opinião, que tem consciência de ser insuficiente, tanto objetiva quanto subjetivamente; a fé, que só é suficiente subjetivamente, mas não objetivamente; enfim, o saber, que é suficiente tanto subjetiva quanto objetivamente. (SPONVILLE, 2007, p. 72).

O quanto uma ideia, uma crença pode ser destrutiva? Não é leviano lembrar que boa parte das guerras que aconteceram ao longo da história tiveram motivação religiosa. Mas não é a fé que mata, é o fanatismo. O modo como a pessoa e o grupo se agarram a um ideal, de modo àquilo representar a totalidade de sua vida, numa unidade dinamitadora de quaisquer outras formas de vida. O fanatismo religioso ou ateu é um tipo de dogma usado pelos espíritos mais covardes no seu esforço em fugir do agora e da responsabilidade de se assumir isto que se é. Pois o quadro psicológico é de preenchimento de toda falta, assim, não há sopros do nada como a provocar o sujeito a indagar o semblante que portou neste momento. A presença marcante do nada é condição de avaliação da vida. Preenchê-lo de uma vez por todas é aniquilar a capacidade do sujeito desenvolver testes de realidade. Toda realidade passa a ser a sua e a de seu grupo, sendo todo o resto, falsidade passível de conversão ou eliminação.

Não é a fé que leva aos massacres. É o fanatismo, seja ele religioso ou político. É a intolerância. É o ódio. Pode ser perigoso crer em Deus. [...] Pode ser perigoso não crer. Vejam Stálin, Mao Tsé-tung ou Pol Pot... [...] Isso nos ensina mais sobre a humanidade, infelizmente, do que sobre a religião. (SPONVILLE, 2007, p. 77).

A fé é um sentimento de foro íntimo, nenhuma relação tendo com os outros e com os saberes. Apesar da Igreja e seus sacerdotes mais dedicados tentarem a via da racionalização de Deus como premissa ontologicamente verdadeira e inquestionável, inclusive para os ateus, Deus não é demonstrável. Portanto, se a fé, enquanto sentimento humano, é o único critério de anuência para quaisquer assertivas sobre Deus, nenhuma forma de imposição, doutrinação ou educação, poderiam ocorrer sob esses alicerces, dado o caráter eminentemente duvidoso e frágil. A não ser que o sujeito, maior de idade, responsável penalmente por seus atos, segundo a forma da lei, a Carta Magna, consinta sobre submeter-se a tais princípios. Do contrário, toda educação e convivência social procurariam o caminho da liberdade e da laicidade.

Sua existência pode ser postulada, mas não pode ser demonstrada; ela é objeto de fé, não de saber. [...]: o argumento ontológico ficou para trás, em vez de estar à frente. Se ele ainda brilha, a ponto de às vezes ofuscar, é como um monumento do espírito humano, muito mais do que como uma prova da existência de Deus. (SPONVILLE, 2007, p. 80).

Deus não existe ou não há provas de que ele exista, acarretam um certo escândalo para os crentes. Deus não aparece, não faz milagres mesmo, como fazer um jacaré virar borboleta, o máximo de milagre que sabemos é que Nossa Senhora curou o fulano que lutava contra o câncer utilizando-se do Sistema Único de Saúde (SUS), e de tudo o que a medicina mais moderna conseguiu desenvolver. Isto é, no mínimo,

ingratidão com o trabalho dos cientistas e profissionais de saúde. O delírio dos cientistas tem maior funcionalidade no real que o dos crentes.

Não é esse o meu sentimento. Muito pelo contrário, espanta-me um Deus que se esconde com tanta obstinação: Eu veria nisso, se nele acreditasse, muito menos uma delicadeza do que uma infantilidade, muito menos uma discrição do que uma dissimulação. (SPONVILLE, 2007, p. 93).

É defendido por aí que a oração cria enzimas capazes de curar. Não duvido! Mas isso não esclarece se a cura foi do sujeito e suas enzimas com uso de alguns medicamentos ou se Deus intercedeu. De qualquer modo, tudo isso passa pelo livre-arbítrio, outro conceito escapista do cristianismo. Deus não aparece porque não pode interferir no livre-arbítrio dos homens. “A resposta mais frequente, dada pelos crentes, é que Deus se esconde para respeitar nossa liberdade, ou até para torná-la possível.” (SPONVILLE, 2007, p. 94). A generosidade política de Deus para com os humanos é de tamanha excelência, que ele se ausenta numa invisibilidade total, para que enquanto ignorantes do poder supremo, atuemos como sujeitos livres, únicos no universo com esse atributo, a imagem e semelhança do Criador. “Nesse caso, a ignorância em que Deus nos mantém, no que concerne à sua existência, não poderia se justificar pela preocupação que ele teria de nos deixar livres. É o conhecimento que liberta, não a ignorância.” (SPONVILLE, 2007, p. 95). Porém, vagando em nosso deserto existencial estamos vulneráveis, pois consumamos nossa ignorância sobre os valores eternos. Esta vulnerabilidade não nos torna livres, primeiro porque o fundamento Iluminista ainda faz sentido, o conhecimento liberta; segundo, que fragilizados a tal ponto seremos presas fáceis de qualquer charlatão a nos vender os fundamentos do absoluto.

O que concluir disso tudo? Que não há prova da existência de Deus, que não pode haver. Azar dos dogmáticos. A metafísica não é uma ciência. A teologia, menos ainda. E nenhuma ciência as substitui. É que nenhuma ciência alcança o absoluto — ou que nenhuma, em todo caso, o alcança absolutamente. Deus não é um teorema. Não se trata de prová-lo, nem de demonstrá-lo, mas de crer ou não nele. (SPONVILLE, 2007, p. 91).

Uma outra modalidade de fé, é a do filósofo cristão. Mais artificial que a do leigo que, apenas vai à Santa Missa ou ao culto, como uma rotina necessária à salvação e à socialização, assim como suporte para acessar alguns conteúdos culturais, em geral, músicas, mas alguns outros leigos, mais atentos, buscam arquitetura e pinturas sacras. De qualquer modo, o filósofo cristão avalia Deus de um ponto de vista teórico. Ele pretende explicar o mundo, a existência, e quando, ao longo de uma vida de leituras e reflexões, cai sobre a Terra cansado pela grande jornada que não desvelou a dimensão total do universo, afirma Deus sobre todas as coisas: o último bastião da trilha das causas.

Deus e o universo são duas coisas incompreensíveis para nós. “Crer em Deus, de um ponto de vista teórico, equivale sempre a querer explicar algo que não compreendemos — o mundo, a vida, a consciência — por meio de outra coisa que compreendemos menos ainda: Deus.” (SPONVILLE, 2007, p. 98). Deus é incompreensível e não é para ser diferente, porque se for compreendido pela razão humana perderia sua dimensão divina, humanizando-se. O mundo/universo, o todo, também nos é incompreensível, pois se pudéssemos compreendê-lo plenamente por qualquer instrumento que fosse, não seríamos mais humanos, seríamos deuses. Destarte, a vontade de verdade do homem, seja na sua dimensão crente (o pensador cristão) ou cientificista, não aguenta uma fé, apenas fé, ou um saber sem a busca da causa primeira. Por isso, sofreremos tanto, pois arrumamos pesos para colocar sobre as costas, ao invés, de seguirmos aproveitando o que der do passado vivendo o presente.

Tanto mais que é igualmente claro que, sobre Deus, não compreendo nada — já que ele é por definição incompreensível! É o que faz da sua vontade, como dizia Espinosa, “o asilo da ignorância”. As pessoas se refugiam nele para explicar o que não compreendem. A religião se torna a solução universal, como que uma chave-mestra teórica — mas que só abriria portas imaginárias. (SPONVILLE, 2007, p. 99).

A cada nova investida sobre o mundo encontramos um abismo de insondáveis coisas. No mergulho no abismo, o insondável emerge como entendimento, mas se abre um novo abismo. E de novo se pula de cabeça. A cabeça que se lança no abismo é também um abismo. “Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.” (NIETZSCHE, 2012, p. 79).<sup>3</sup> Há um conteúdo misterioso no mundo, e não há porque se aborrecer com ele. Os artistas transformam estas coisas em arte, conseguem trazer leveza, aceitar as coisas como elas são. Mais do que isto, maravilhar-se com quão maravilhoso é o mundo que a gente entende muito pouco. E como é gostoso não compreender muitas coisas do mundo, sentí-lo, respirá-lo, encontrá-lo numa espécie de *pathos* fora da linguagem.

Acho até que é tudo o que há: podemos sem dúvida explicar muitas coisas, mas não tudo, nem mesmo a série inteira das coisas explicáveis, de tal modo que tudo o que se explica mergulha no inexplicável. “A verdade está no fundo do abismo”, dizia Demócrito, e o abismo não tem fundo. É nosso lugar. É nossa sina. Não há nada mais misterioso que a existência do mundo, da natureza, do ser, e no entanto é aí dentro que estamos (pois é: no âmago do ser, no âmago do mistério!). (SPONVILLE, 2007, p. 101).

---

<sup>3</sup> BM 146

Se somos a imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26), por que a humanidade esta contaminada pela mediocridade, pelo comportamento de rebanho, pelo trivial; quando não, pelos espíritos mais cruéis e covardes como Hitler e Bolsonaro? Os mais raros, uns Einstein, uns Gandhi, uns Dostoiévski, uns Jesus, não estão disseminados por aí. De tempos em tempos aparecem alguns pela intervenção do acaso. Esta humanidade, tosca, é o que se assemelha a Deus! Como Deus encontra-se pequeno, ínfimo, comum. Os sentimentos mais torpes são de uma frequência assustadora no comportamento da maioria, inveja, ressentimento, ódio. Alguns experimentos de psicologia demonstram esta característica vil do humano. O Experimento de Milgran é um exemplo do quão sádico pode ser um ser humano. “Tenho mais dificuldade para conceber esse Deus fraco de que nos falam, que teria potência suficiente para criar o universo e o homem, ou até para nos fazer ressuscitar de entre os mortos, mas não para salvar uma criança ou seu povo.” (SPONVILLE, 2007, p. 112). Talvez, Deus tenha se acovardado diante da sua criatura. E com a desculpa do livre-arbítrio, a deixou livre para ser o pior demônio que um membro da espécie seria para o grupo.

E mesmo deixando de lado essa dificuldade, por que Deus nos criou tão fracos, tão covardes, tão violentos, tão ávidos, tão pretensiosos, tão pesados? Por que tantos canalhas ou medíocres, tão poucos heróis ou santos? Por que tanto egoísmo, inveja, ódio, tão pouca generosidade e amor? Banalidade do mal, raridade do bem! Parece-me que um Deus, mesmo nos deixando livres e imperfeitos, poderia obter uma proporção mais favorável. (SPONVILLE, 2007, p. 109).

O Deus todo poderoso, portanto, criou o homem como a sua melhor obra. Bastante duvidoso que sejamos os únicos no universo e, ainda, a obra mais bem-acabada do ser plenipotente. Para seres quase divinos estamos muito aquém dessa magnificência toda. Em termos naturais, somos animais bastante habilidosos e inteligentes. Mas o que ganhamos com a evolução poderia ser também uma desvantagem. Por exemplo, somos dotados de alta capacidade de planejamento, controle e dominação dos recursos naturais, vegetais e animais: antes, tal eficiência era deveras útil à alimentação do grupo, não é atoa que os humanos perpetuaram-se. Porém, com a complexificação das sociedades em termos numéricos e culturais, houve também a necessidade de formas econômicas de planejamento mais sofisticadas, que o líder do clã não conseguiria sozinho. O Estado e sua gestão dos recursos vão fossilizando no seu processo de desenvolvimento biológico do homem a sede pelo poder, passando toda essa técnica a ser usada para dominação e a guerra, para regozijo do líder e da nação. O alto planejamento militar e o gosto vaidoso pelo poder, talvez, encaminhem a humanidade para a sua derrocada final. “Como cópias de Deus, seríamos ridículos ou inquietantes. Como animais produzidos pela natureza, não somos de todo desprovidos de qualidades e de méritos.” (SPONVILLE, 2007, p. 114). De um lado, como obras

sublimes de Deus, somos medíocres; de outro, como produto melhor acabado, da evolução genética, somos extraordinários e autodestrutivos. Qualquer uma das opções nos deixa lacunas sobre a criação.

É mediocridade demais por toda parte. Pequenez demais. Nulidade demais, como dizia Montaigne. Vanidade demais, como ele também diz (“De todas as vanidades, a mais vã é o homem”). Que belo resultado para um ser onipotente! Você me dirá que Deus talvez tenha feito coisa melhor em outros domínios... Admitamos. (SPONVILLE, 2007, p. 113).

Assim como para Feuerbach, a natureza tem o seu genuíno valor, em Sponville, natureza ganha o contorno de fato mesmo, dimensão realista da vida enquanto tal. E natureza, também, como algo de misterioso, inefável, lindo demais, deslumbrante. “A natureza é para mim o todo do real (o sobrenatural não existe), e existe independentemente do espírito (que ela produz, que não a produz).” (SPONVILLE, 2007, p. 130). A natureza como o todo, o absoluto, a dimensão totalizante, âmbito em que cabe todas as coisas, sem precisar recorrer a artifícios do além. “O conjunto de todas as relações, de todas as condições e de todos os pontos de vista é necessariamente absoluto, incondicionado e invisível. [...] a totalidade do que existe, existe necessariamente.” (SPONVILLE, 2007, p. 132). É curioso como as mesmas questões que afligem os religiosos, afligem também os não religiosos, mas não só isto, também os recursos semânticos usados pelos crentes são apropriados pelos ateus, fazendo-se uso de uma maneira laica. O ideal cristão como experiência do sagrado é substituído por um misticismo, meio panteísta, meio oriental. As palavras, inclusive, continuam as mesmas, vocabulário difícil de renunciar em se tratando de questões sobre o infinito e o todo. Talvez, o problema dos crentes, em especial os monoteístas, seja o fundamentalismo, daí a saída para um ateísmo místico, pois não dá pra concordar com eles na sua matança!

A palavra “absoluto” incomoda você? Eu compreendo: eu próprio a evitei por muito tempo. Aliás, nada impede que você prefira outra. “O ser”? “A natureza”? “O devir”? Com ou sem maiúscula? Cada qual com o seu vocabulário, e não conheço nenhum que não tenha defeitos. (SPONVILLE, 2007, p. 131).

Pois, esmagados pelo oceano da natureza, que somos forçados a nos desgarrar, ao menos momentaneamente, de nosso ego. Sem essa consciência jubilosa de si, já não antropomorfizamos o mundo, sentimo-lo como um *pathos*, uma experiência, uma hierofania. Assim, sem o ego, o sujeito é tomado pelo todo, que sussurra seu ser, não mais como fragmento de um real de que somos treinados a montar toda vez que olhamos o mundo, mas um absoluto: integral e coeso.

Que calma, de repente, quando o ego se retira! Não há mais que tudo (com o corpo aí dentro, maravilhosamente dentro, como que restituído ao mundo e a si mesmo); [...]: é uma experiência, que só tem por objeto, ou permeia, o eu na medida em que dele se liberta. (SPONVILLE, 2007, p. 140).

Isto é o sentimento oceânico, o abrir-se ao universo numa conexão que destrói todas as rupturas e fissuras, hiatos e vazios, numa unidade pura. “O ‘sentimento oceânico’ não pertence a nenhuma religião, a nenhuma filosofia, e é melhor que seja assim. Não é um dogma, nem um ato de fé. É uma experiência.” (SPONVILLE, 2007, p. 144). Essa paz de espírito não é apanágio de alguns eleitos, qualquer um tem os recursos para conseguí-la. Não o faz porque a vida se tornou ocupada demais e o ego escravo do utilitarismo economicista e da razão teleológica. Não pensar é um caminho para uma conexão mais profunda entre essa mísera parte que somos com o todo. “De outro modo não haveria unidade. Estamos separados de tudo apenas pelo pensamento — apenas por nós mesmos. Largue o ego, pare de pensar: resta tudo.” (SPONVILLE, 2007, p. 159). Libertar-se do ego, eis o mais simples ingrediente para uma vida mais leve.

O eu é uma prisão. Tomar consciência da sua pequenez (o que, em Marco Aurélio, é a característica da grandeza d’alma) já é sair dela. É por isso que a experiência da natureza, em sua imensidade, é uma experiência espiritual — porque ela ajuda o espírito a se libertar, ao menos em parte, da pequena prisão do eu. (SPONVILLE, 2007, p. 139).

Todavia, a espiritualidade não é uma experiência que refere-se, apenas, à religiões, como se houvesse um monopólio do sagrado. Em filosofia, a palavra espírito foi/é exaustivamente utilizada, sem, às vezes, uma explicação inicial sobre o sentido que se está atribuindo a ela. Como a filosofia esteve a serviço da teologia por um longo tempo, espírito tem muitas vezes essa conotação de uma alma movimentadora do corpo. Que encarna e desencarna, para uns encarna e desencarna apenas uma vez, para outros há um ciclo evolutivo do espírito, que se aprimora a cada reencarnação. Aqui, o sentido de espírito tem mais relação com um substrato pensante que diferencia os homens dos outros animais, na medida em que frui do homem seu extraordinário mais sublime expressado no belo da arte ou no pensamento puro. “O que é o espírito? É o poder de pensar, na medida em que tem acesso ao verdadeiro, ao universal ou ao riso.” (SPONVILLE, 2007, p. 128). Ora, o espírito, antes de sua relação com qualquer religião, está confrontado com os problemas fundamentais. Do simples trabalhador da construção civil às mentes mais incríveis, como Hawking, estamos diante do espanto de ser essa singularidade no universo. Portanto, espiritualidade, espirituoso, espírito, não são formulações, exercícios de um estilo de vida exclusivo dos religiosos, os ateus também têm acesso a essa dimensão.

Toda religião pertence, ao menos em parte, à espiritualidade; mas nem toda espiritualidade é necessariamente religiosa. Quer você acredite ou não em Deus, no sobrenatural ou no sagrado, de qualquer modo você se verá confrontado com o infinito, a eternidade, o absoluto — e com você mesmo. (SPONVILLE, 2007, p. 129).

Toda a inteligência humana, com sua criatividade e método, não dá conta de explicar tudo. Um vácuo, um silêncio, uma impossibilidade hermenêutica, marca o território como uma passagem intransponível. Para o homem do conhecimento, uma frustração tremenda, para o religioso, o motivo de sua fé, para os místicos, o ponto que nos provoca a aberturas de novas experiências. “Mas não se trata tampouco de esquecer o silêncio que todas as nossas explicações encobrem, que as contém e que elas não contêm. Silêncio do inexplicável, do inexprimível (a não ser indiretamente), do insubstituível.” (SPONVILLE, 2007, p. 135). O silêncio como um indizível que não é um nada. Sua presença denuncia sua existência, uma existência plenamente incompreendida, invisível, inaudível, mas presente. Solitário no meio de uma mata se sente a presença deste fenômeno enquanto espaço fora da linguagem. “Aquilo, de que falamos todos os nossos discursos, e que não é um. Não o Verbo, mas o silêncio. Não o sentido, mas o ser. É o domínio da espiritualidade ou da mística, quando escapam da religião.”<sup>4</sup> Na grandiosidade da natureza com suas nuances, encantos e violências, com intensificações de vida, que vislumbramos esse místico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Buscamos percorrer o caminho de uma filosofia que desembocasse numa espiritualidade para ateus, já que os problemas principais são colocados, não só para religiosos, mas para todos os homens. Em Ferry e em Sponville o sagrado reverbera sua anuência. Que seja pelo amor, ou pelo *pathos* do indizível de um silêncio filosófico profundo, os autores concordam com a possibilidade e construção de uma espiritualidade para ateus que não recaia, nem no agnosticismo, nem no panteísmo místico, apesar de no fim, parecer que a natureza ganha esta dimensão mágica e esplêndida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVAR, Jaime. Um Tratado Fracado: La ateología como discurso del ateísmo cristiano. In: Diálogos da história antiga. Vol. 32 No. 2, 2006. p. 125-137.

BARBOSA, Wilmar do Valle; LOTT, Henrique Marques. “O religioso após a religião”: um debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 71-100, out./dez. 2010 - ISSN: 2175-5841.

<sup>4</sup> SPONVILLE, André Comte. *O Espírito do ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 135.



- COMTE-SPONVILLE, André. Apresentação da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FERREIRA, Douglas Willian. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. Dissertação (Mestrado acadêmico). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da religião, 2016.
- FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. *A Tentação do Cristianismo: de seita a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 97.
- MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. *Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade*. Argumentos, ano 10, n. 19 - Fortaleza, jan./jun. 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Editora Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; GIACÓIA, Oswald. *Fragments póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Marcos de Oliveira. Por uma Autópsia do Sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SPONVILLE, André Comte. Ni el sexo ni la muerte. Barcelona: editorial de Espasa Libros, 2012, p.69.

SPONVILLE, André Comte. O Espírito do ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

Submetido em: 05/08/2022  
Aprovado em: 31/10/2023